

O USO DAS TECNOLOGIAS PELOS VELHOS DA UMA – UFT PALMAS / TO

Quenidi Tadeu Bonatti ¹
Neila Barbosa Osório ²

RESUMO

O presente artigo pretende fazer algumas reflexões por meio da História Oral sobre os caminhos que o velho trilhou e vem trilhando para se adequar às novas tecnologias, bem como para sua inclusão digital, considerando o aumento da expectativa de vida. A tecnologia vem despertando o interesse no velho em aprender essa ferramenta, que já faz parte do seu cotidiano, pois poderá ampliar as fontes de informação, principalmente com relação à saúde e à redes de contato, aliado à busca de qualidade de vida. A pesquisa objetivou estudar e relatar a opinião do velho sobre a tecnologia onde participaram da pesquisa, acadêmicos da UMA- Universidade da Maturidade da UFT- Universidade Federal do Tocantins, campus de Palmas. Os dados foram coletados por meio de questionário com questões abertas. A pesquisa revelou que o velho tem medo, é muitas vezes resistente, mas demonstra interesse em aprender usar essa tecnologia.

Palavras-chave: História oral, tecnologia, inclusão, velho.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo expor a pesquisa desenvolvida no Mestrado Acadêmico em Educação - UFT, Palmas / Tocantins, enfocando a História Oral, metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea, tomando como base importante, a entrevista e depoimentos dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Primeiramente explanar sobre a História Oral, compreender e conhecer sua história. Em seguida a memória dos entrevistados sobre o uso das tecnologias, bem como sua influência no cotidiano.

A pesquisa realizada com um pequeno quantitativo de velhos da Universidade da Maturidade – UMA UFT- Palmas / TO, visa investigar o manejo e a facilidade no uso das tecnologias por este público, ou seja, essa faixa etária. Na antiguidade as tecnologias não entravam com um foro arrojado no ensino.

Com essa pesquisa o entendimento de muitos anos de vida sem a constância do uso desses equipamentos, nos ajudará entender a realidade e perceber a necessidade da tecnologia

¹ Mestrando do Curso de Mestrado Acadêmico em Educação da Universidade Federal do Tocantins - UFT, qbonatti@hotmail.com;

² Professora orientadora: Pós-Doutora em Educação, Universidade Federal do Tocantins - UFT, neilaosorio@uft.edu.br.

na vida atual dos velhos. O trabalho de pesquisa ora desenvolvido tem como objetivo perceber que por meio do uso de tecnologia, auxilia o bom desempenho do educador e educando na construção do conhecimento social e autônomo, que leva a uma reflexão sobre como inovar, é uma proposta do gênero que está sendo desenvolvida neste trabalho de ensino e que muito pode contribuir para o crescimento do saber. Perceber a realidade do ambiente é fundamental para analisar e adotar estratégias que possam fazer diferença no dia a dia do processo ensino-aprendizagem. Sabe-se que os grupos de pesquisa diferem sobre as metodologias aplicadas.

É preciso compreender que ocorrem mudanças nas concepções de ensino e em suas formas de construção desse saber, havendo assim necessidade de que haja intervenções, onde o jovem e o velho tenham a oportunidade de um desenvolvimento cultural, científico, tecnológico e humano. Para que isso aconteça de forma satisfatória é necessária uma postura por parte do professor, do contrário essas mudanças não se realizam.

Fazem parte deste projeto de pesquisa, acadêmicos da UMA - Universidade da Maturidade, da Universidade Federal do Tocantins / UFT, Campus de Palmas e está sendo desenvolvido por meio de itens específicos e amostragens. Inicialmente realizou-se entrevista com os acadêmicos, com ênfase no problema apresentado e posteriormente a pesquisa, através de questionamentos individuais e a produção escrita, onde cada um descreverá as particularidades do seu conhecimento e habilidade tecnológica. Concomitantemente, a teorização dos conteúdos na produção de um artigo, valorizando os conhecimentos prévios e adquirindo subsídios para uma produção gradativa, do micro ao macro conhecimento.

METODOLOGIA

Foram selecionados três idosos, com média de idade de 66 a 76 anos, sendo 02 do gênero feminino e 01 do gênero masculino. Quanto ao estado civil: uma divorciada, uma viúva e um casado. Todos frequentam a Universidade da Maturidade da UFT- Universidade Federal do Tocantins / TO, que possui atividades direcionadas a essa faixa etária. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi “entrevista”, enfatizando a História Oral; dirigidos por um questionário elaborado pelos autores, contendo 05 perguntas abertas às quais foram utilizadas para levantamento de dados. O questionário foi aplicado pelos autores da pesquisa mediante autorização da instituição e assinatura pelos participantes do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Os encontros aconteceram em três momentos. Inicialmente, houve o contato com os participantes, por meio de convites pessoais, explicação dos objetivos do estudo, a leitura do

termo do TCLE e posterior assinatura. Em seguida, a entrevista as quais foram transcritas integralmente, composto pelas iniciais do nome da pessoa, para a não identificação e a devolutiva através de conversa informal sobre os resultados da pesquisa.

REFERENCIAL TEÓRICO

“A história oral surgiu em 1947, nos Estados Unidos, e chegou ao Brasil na década de 1970” (Garnica, 1998, p.27). Dessa forma, a oralidade passou a ser vista como fonte da história após a criação de tecnologias para melhor poder registrar os fatos. Ganhou muitos adeptos com a aplicação das técnicas, ampliando-se o intercâmbio entre os que a praticam. Segundo (THOMPSON, 1998, p.337):

...a história oral devolve a história às pessoas em suas próprias palavras. E ao lhe dar um passado, ajuda-as também a caminhar para um futuro construído por elas mesmas.

As entrevistas de história oral são tomadas como fontes para a compreensão do passado, ao lado de documentos escritos, imagens e outros tipos de registro. Caracteriza-se por ser produzida a partir de um estímulo, pois o pesquisador procura o entrevistado e lhe faz perguntas, geralmente depois de consumado o fato ou a conjuntura que se quer investigar. Além disso, faz parte de todo um conjunto de documentos de tipo biográfico que permitem compreender como indivíduos experimentaram e interpretam acontecimentos, situações e modos de vida de um grupo ou da sociedade em geral. Isso torna o estudo da história mais concreto e próximo, facilitando a apreensão do passado pelas gerações futuras e a compreensão das experiências vividas por outros.

Nas instituições de ensino, usamos História como disciplina, são também formas de entender o passado e melhor planejar o futuro. A história oral diz respeito à investigação científica de assuntos que sejam relevantes ao propósito de ser pesquisada pelo então proponente, a investigação. Segundo Alberti, (1990, p.40), “essa linha dará ao programa uma identidade institucional, facilitando inclusive a consulta dos depoimentos produzidos”.

As entrevistas de História oral são a origem para compreender o passado sob qualquer forma de registro, a partir do momento que forem estimuladas. Através dela tem-se conhecimento dos acontecimentos, situações ou até mesmo o modo de vida de um grupo da sociedade, o que fará com que se aproxime a compreensão do seu modo de vida.

Segundo Alberti (2005, p. 155),

“a História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador à fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente.”

No Brasil, essa metodologia foi introduzida na década de 1970, a partir da criação do Programa de História Oral do CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil). Em 1994 foi criada a Associação Brasileira de História Oral. Inúmeras são os programas e pesquisas que fazem uso dos relatos pessoais do passado para estudar temas dos mais variados tipos. As entrevistas de história oral são uma forma de compreender o passado, tornando assim o estudo da história mais concreto. Para trabalhar com essa metodologia, muitas atividades são necessárias antes da realização das gravações. Há que se fazer a pesquisa, sondagem de dados para realização dos roteiros da entrevista. Com a realização do trabalho de História Oral será possível através da escuta, refazer uma nova forma de trabalho. É um campo de estudo que muito necessita ser aprofundado.

Ao se decidir trabalhar com História Oral, não está deixando de lado trabalhos escritos, apenas a visão ora assumida e inclui trabalhos além dos orais. É necessário o confronto com outros documentos. Muitas alternativas podem ser traçadas para criar interação que promova a autonomia, no uso de tecnologias no ensino. Trabalhar com a História Oral é uma proposta a ser estudada, debatida, analisada e mesmo aprofundada, pois estamos falando da realidade educacional brasileira, onde muitas vezes não existe comprometimento e a competência necessária.

Pesquisar novas metodologias em consonância com as tecnologias, aqui falando de História Oral, é fator preponderante para a motivação e um agente que deve ser equacionado no contexto da educação, ciência e tecnologia, tendo grande importância na análise do processo educativo.

Dentre muitos aspectos a serem estudados temos as metodologias aplicadas no processo de ensino, que é um tema que nos emerge a falar do conjunto de diretivas que o mesmo deve praticar em suas ações junto a exemplos de vida, experiências e vivências cotidianas. O educador deve educar pelo exemplo, ser pesquisador e estimular a pesquisa. É preciso que na prática educativa reine as regras e que os limites sejam adaptados a cada circunstância vivida.

Segundo Osório, (2017) coordenadora da UMA\UFT “mais de onze anos atestam a eficiência de como a educação pode produzir novas imagens e novos saberes em relação aos

velhos”. É uma postura que deve ser seguida pelo educador para saber quando está entendendo mal ou bem a nossa história ética de investigação científica. Segue-se disto que um dos princípios fundamentais do papel da moral do educador é o esclarecimento. Convém ressaltar a importância do educador em compreender a natureza humana e o que dá a densidade do educando como ser humano. Logo, o papel central de um educador é desenvolver habilidade para tomar decisões e agir de acordo com elas. Assim sendo um requisito básico para “agir” é a autonomia. Contudo, o educador deve partir do princípio de que os seres humanos são diversificados, cada um de nós é o único de várias formas. Portanto, o agir do educador perpassa pela ética e cultura planetárias, que pedem a universalização da compreensão, da solidariedade, da intelectualidade da humanidade.

A partir do momento em que se vive em uma sociedade, somos um modelo para os outros elementos, uma referência para as pessoas com que nos relacionamos e concomitantemente, essas pessoas também servem de modelos. O professor deve estar bem ciente de seu papel como modelo e deve saber dosá-lo, porque há sempre o risco do conjunto de valores que regem um determinado docente, ser diferente da sociedade.

A fenomenologia é um estudo que se fundamenta em conhecimentos nos fenômenos da consciência. Todo conhecimento se dá a partir de como a consciência interpreta esses fenômenos. Esse método foi desenvolvido por Husserl (2008, p. 87), para ele,

o mundo só pode ser compreendido a partir da forma como se manifesta, ou seja, como aparece para a consciência humana. Não há um mundo em si e nem uma consciência em si. A consciência é responsável por dar sentido às coisas.

A apresentação dos dilemas morais deve ser seguida de um conjunto de questões, que tem o objetivo explorar o seu conhecimento, compreensão sobre determinadas questões; o seu raciocínio sobre os motivos, intenções, interesses e emoções dos personagens envolvidos na situação.

Segundo afirma Osório, (2017, p. 23), “a universidade é um espaço acessível para receber essa população e contribuir para o descobrimento das dimensões mais densas e com maior liberdade”. Deve cumprir com o seu papel institucional na inserção e transmissão de conhecimento na tríade, ensino, pesquisa e, extensão, para todas as faixas etárias da vida do homem. A profissão docente é entendida como uma atividade que evidencia os valores teórico-metodológicos, que são construídos a partir dos estudos e pesquisas, desenvolvidos pelos componentes curriculares.

Trabalhar com a História Oral é de suma importância para pesquisas científicas, pois no momento das narrativas, das lembranças retomam memórias sobre suas trajetórias,

construindo assim novos sentidos e delineando um posicionamento com relação ao passado. Assim, baseado no método descrito a pesquisa impulsionará a compreensão e a mensuração das fontes orais dos entrevistados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A apresentação e exposição dos resultados deste trabalho foram organizadas em forma de depoimento das pessoas ouvidas. Cada depoimento representa o esforço da investigação e apresentação das fontes orais. As pessoas entrevistadas aqui têm perfis variados, vida simples e se apresentam como sujeitos desta pesquisa. Através de anotações, observações apresentaram suas vozes. As falas aqui relatadas revelam a valorização e o reconhecimento desta pesquisa.

Em encontro com dona M.L.M, 76 anos, ela relata: “Quando cheguei aqui o Tocantins ainda não existia, em 1984. Naquela época que cheguei na roça não tinha televisão, nem pensar, só rádio. As informações chegavam pelo rádio. Assistia muito a aquele programa “A voz do Brasil”. Ali a gente sabia muita coisa do estado, o que ia criar, também notícias do Brasil. Muito radical a mudança para se ajeitar melhor na história. Para vocês terem uma ideia, não tinha energia, mais tarde que minha filha colocou energia lá. Eu trabalhava numa máquina de costura a pedal, sem energia para manter a chácara e mantive. Minha tecnologia utilizada para meu sustento foi: a máquina e a roça. Na chácara não havia telefone, só meu ex-gebro que chegou com um telefone uma época que foi uma loucura, mas não durou nada, para mim não resolveu, um “tijolão”. Era difícil para carregar bateria, não tinha energia. Uma das dificuldades de usar a tecnologia nessa época que era o telefone era a dificuldade de carregar a bateria, de manuseio. A água era muito boa, pelo meio da mata chegava à caixa por gravidade, era tudo muito natural. Minha maior dificuldade hoje é com a tecnologia, mas assim mesmo sou corajosa, quero enfrentar, se tiver aulas pra isso vou aprender, porque acho que estou no meio e eu tenho que seguir, fazer também, aprender, participar. Se o professor me manda uma mensagem não vou saber responder, é uma necessidade a gente acompanhar a tecnologia. É maravilhosa essa tecnologia, nunca pensei em alcançar isso tudo. Profissionalmente tenho meus limites e meus conhecimentos. Tenho minhas máquinas motorizadas. Agora tenho minhas máquinas, tenho três máquinas e vou comprar mais uma, uma que borda sozinha, que a gente compra as pecinhas, coloca, é tecnologia. Eu pretendo entender, eu vou comprar ela. Porque daí a gente ganha um dinheirinho. Minha perspectiva de vida é de trabalhar, e vou aprender, vou entrar nessa tecnologia. Ainda quero ver se trabalho

mais, mesmo que eu tenha dificuldade de visão, que não é muito não, mas eu vou trabalhar. Eu acho que dá certo. A tecnologia realmente no início me assustou muito. A primeira vez foi com celular, quando eu troquei de celular, fui deitar com o celular e ligar para as meninas, quem é que disse que eu achava onde ligar com esse celular, eu passava a mão em todo esse celular e não liguei. Não tinha botão para mim, no outro dia, achei sozinha. Já comecei a mexer, mas ainda tenho dificuldade. Com as aulas online dificultou mais, mas a gente tem que aprender se não é o mesmo que não estar no mundo. Estou assistindo as aulas da UMA. Minha filha liga o computador e me dá tudo no jeito. Esse Google Meet é um desafio, mas acho que consigo aprender. Essa tecnologia é que está dando resultado para resolver o problema de comunicação nesse tempo de isolamento”.

Na fala da entrevistada transparece a capacidade que os seres humanos têm de conservar e relembrar experiências e informações relacionadas ao passado, do processo de interação do indivíduo com seu meio. Percebe-se que a entrevistada tece comentários sobre sua vinda do Sul do Brasil para o Norte goiano, isso antes da criação do atual estado do Tocantins, falando das dificuldades encontradas na época e a falta de tecnologias. Seu sustento era adquirido através de costuras. Atualmente com idade avançada ainda admite encarar desafios com aprendizado de tecnologias, avaliando como positivo os avanços. Com a chegada da pandemia, com a necessidade de isolamento, a tecnologia auxilia no processo de comunicação.

Segundo Portelli (2016, p. 91), “a memória, como a própria narrativa também não é um texto fixo e um depósito de informações, mas sim um processo de performance, que possibilita ouvir essas vozes e suas histórias”. Os entrevistados demonstraram relatar suas memórias, seus percursos com transparência e determinação.

Le Goff, (2013, p. 435), “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”. São as sociedades, cuja memória social é, sobretudo, oral ou que está em vias de constituir uma memória coletiva escrita, que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória. Dentro dessa linha de pensamento, percebe-se a importância de se estudar a memória bem como os elementos que a constituem pois está ligada ao processo de construção da identidade.

Senhor J.C.S., 75 anos conta que o acesso à educação reporta ao passado: “Durante minha vida de trabalhador, hoje aposentado, não existia tecnologia para mim, fui conhecer uma calculadora já era até casado. Quando eu fiz um serviço o cara pediu para eu calcular o

serviço, ele me deu a calculadora, esperei ele ir embora e fiz na mão, porque eu não sabia nem como que ligava aquilo. Eu fui usar um telefone já tinha trinta anos de idade. Não sabia nem usar aquilo, como que ligava, não sabia. Celular naquela época não existia. A primeira vez que vi um celular foi aquele “tijolão”, mas também não sabia usar. Não tinha como ligar porque ninguém tinha acesso a telefone como tem hoje. De trinta anos atrás para hoje a gente tá aqui ligado, falando, falo com minha filha em Manaus na minha frente, ao vivo e em cores a hora que eu quero. Era tudo no presencial, não tinha como. No celular hoje resolvo qualquer coisa que eu quero, eu não vou mais a lotérica, eu não vou à lugar nenhum para resolver, eu faço transferência bancária, eu faço pagamento pelo celular, eu resolvo tudo pelo celular. A tecnologia veio para me ajudar. Foi com minha loja que comecei a usar uma calculadora aí já começou a desenvolver minha habilidade. Com computador, o primeiro que liguei não soube desligar. Hoje no computador a gente já trabalha um pouquinho. Já ajuda fazer pesquisa, abrir e-mail, essas coisas a gente já trabalha. Na minha empresa não tinha nada, era tudo manual, na loja a gente comprou um computador, mas não acertou trabalhar com ele e continuamos na mão mesmo. A tecnologia foi boa, mas faltou treinamento porque a gente nunca tinha nem visto falar naquilo. Na época era arrendado o hotel, então eu tomava conta da manutenção do hotel, pra ver o que precisava fazer e passava para eles. No hotel eu usava muito o computador que tinha o monitor para poder ficar monitorando e quando precisava de alguma coisa eu já sabia aonde eu ia. Isso facilitou muito a minha vida. O que eu não sabia ia perguntar para quem sabia, buscava informação. Não sei usar o computador, ia buscar quem sabe. Fulano, como faço, ia lá me explicar. Aí eu ia treinando, tinha coisa que eu queria saber, eu já passei a fazer, não pedir para ninguém fazer. Temos que buscar o conhecimento. Quanto à minha evolução, acho que nessa parte eu me superei, porque não podia imaginar que um dia eu ia fazer isso. Eu quero fazer uma transferência bancária, eu faço em casa no meu celular. Não tenho medo de perguntar, se não sabe vai a quem sabe. Na UMA, eu passava a ensinar os alunos que não tinham prática nenhuma e eu ficava ali fazendo o possível para ver se ele conseguia, aprender pelo menos o que eu sei, não vai de jeito nenhum, tem dificuldade. É próprio de cada pessoa, cada um tem seu limite, ou mesmo não se interessa. Minha projeção para o futuro com relação às tecnologias é grande, todo dia tem desafio. Cada dia que passa é um desafio novo, é coisa nova que a gente vê e tem que aprender. Eu acho que vou aprender mais alguma coisa ainda, não tem medo de ser feliz, nem ter vergonha de perguntar o que quer”.

Senhor J.C.S., carioca de nascimento e no mercado de trabalho desde cedo, nunca havia tido contato com a tecnologia. Há um bom tempo, aposentado e morador do estado do

Tocantins, conta em sua trajetória de vida suas dificuldades encontradas e enfrentadas, quando mais jovem na resolução dos problemas relacionados à comunicação e pagamentos. Hoje com tudo facilitado graças ao seu aprendizado. A entrevista possibilita compartilhar experiências e promove a aproximação entre o sujeito-entrevistado e seu entrevistador, mesmo que ambos tenham diferentes interesses na pesquisa. O entrevistado tem como objetivo falar do que lhes é uma revelação interessante, já o entrevistador interessa ouvir e assim registrar sua narrativa.

Amado (1997, p. 153) (...) quando alguém concorda em ser entrevistado, têm objetivos a atingir, relacionados não ao historiador, mas a si próprio, ou seja: conceder ou não a entrevista é um ato voluntário, integrante de um complexo universo de interesses e estratégias ao qual, muitas vezes, o historiador sequer tem acesso. Ao fazer uso desses relatos, o pesquisador poderá compor seu trabalho com as partes que forem pertinentes ao seu trabalho. Segundo Queiroz (1988, p.18), “o pesquisador utilizará em seu trabalho partes do relato que sirvam aos objetivos, destacando os tópicos úteis, deixando em separado os que estão fora do seu interesse e que podem, futuramente, tornar-se objeto de reflexão”.

A senhora M.F.L.N.T., 66 anos, sete filhos, viúva, filha natural de Paraíba, relata: “Na minha terra natal, na minha época de infância, era na base do telegrama, eu não conhecia o telefone, rádio, eu ouvia falar, mas não conhecia. Televisão também não conhecia. Era só na base de carta e se fosse coisa urgente era um telegrama. Não estudei mais. Vim entrar numa sala de aula depois que eu estava com meus filhos que coloquei na escola e eu ia às reuniões, depois de adulta. Em 1974 eu ganhei um radinho de presente, eu ouvia muito a Rádio Nacional da Amazônia, onde tinha o programa da Tia Leninha, que era voltava para criança, tinha também Artemisa Azevedo que tinha as novelas. Eu tenho uma filha que não falava e não ouvia e a Tia Leninha me ensinou como ensinar o alfabeto a ela. Meu primeiro contato com a televisão foi na minha casa em 1994, quando cheguei aqui em Palmas, em agosto comprei uma televisão pequena. Meu primeiro celular foi em 2006, por aí. Meu trabalho não tinha muito acesso à tecnologia, eu trabalhava como faxineira e lavava roupa para os outros, trabalhei muito tempo. Não tinha contato com as tecnologias. Não era exigido. Não tinha máquina de lavar. Até então eu já lavava roupa de funcionário de banco à mão. Ganhei um tanquinho tinha que ligar, mas como sempre fui muito curiosa com as coisas. Foi mexendo que aprendi. Na minha vida profissional, eu observava as coisas para aprender. Quando não sabia, não tive aula. Quando ganhei o celular do meu filho fui mexendo e aprendendo. O desafio da tecnologia é buscar aprender, se não, não vai. Sobre a tecnologia foi uma boa coisa, que foi inventada, para quem sabe usar. Para que não sabe só dá besteira. São muitos os

desafios. Acho que daqui para frente, o que vai mandar é a tecnologia, então a gente que é velho, se não entrar, conseguir dar duro para aprender vai ficar na mão, na dependência, porque hoje você paga conta pelo telefone, faz de tudo. Uma coisa que eu achei muito importante e achei bom porque sempre falo para meus filhos, esse negócio de internet, de Face, tanta coisa que existe, ela veio não para todos, mas a maioria. Ela está afastando quem está perto e juntando quem tá longe. Tem muitas coisas que está afastando a família, de dentro de casa, pai, mãe, filho, neto. Estão esquecendo o calor humano. Acho que a tecnologia em uns pontos vale a pena, mas tem outros que deixa a desejar, se a gente não corrigir as crianças, ensinar muita coisa que não deveria fazer. Agradeço muito porque essa tecnologia ela afastou muita gente de dentro de casa. Fazer o que? Está aí! E vêm mais desafios. Hoje vai ter valor quem souber mexer.

O passado se fazer presente na vida da pessoa é a razão de ser da História Oral, o que garante um sentido social na vida do entrevistado e do entrevistador e dessa forma entender o contexto em que vivem, pois, a História Oral busca fatos do passado e está em concordância com o que se espera de quem a entende como metodologia, implicando numa reflexão teórica, trabalho empírico e de campo. Possibilitam conhecer as situações estudadas, ampliando as fontes que o historiador tem ao seu dispor para a produção de conhecimento histórico.

Ouvindo estas experiências, pudemos perceber que a memória é ativada durante a entrevista e que é importante valorizar as histórias e experiências vividas em sua trajetória. Dessa forma, é possível reconhecer aquilo que lhes garante um sentimento de continuidade e pertencimento, reencontrando fatos com os olhos do presente e projetando o futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo desenvolvido possibilitou, através da História Oral, construir fontes, ouvindo a narrativa de idosos, sua vida e suas dificuldades em lidar com a tecnologia, pois a realidade enquanto jovens era outra. Ouvindo os relatos nos levou a refletir sobre essas dificuldades, a imaginar o cotidiano dos mesmos, pois se trata de outra experiência. Constatou-se que as tecnologias utilizadas nas diversas fases da vida são de extrema necessidade, porém reconhece que as dificuldades de manuseio ainda é empecilho, muitas vezes e, é necessário o auxílio, um fator importante na conduta de uma pessoa. Também que fatores intrínsecos e extrínsecos podem levar à falta de motivação para aprender. Entendem as diferenças e semelhanças entre conteúdos e dificuldades e a superação de desafios. Buscam

analisar as causas da falta de oportunidades para aprimorar o conhecimento e habilidades tecnológicas.

O trabalho realizado com a História Oral proporciona através da escuta, a reinvenção de novas estratégias e organizações de trabalho. É um campo que pode ser mais aprofundado sobre diversos aspectos. Examinando retrospectivamente o itinerário deste trabalho, tem-se a clara consciência de que, alguns apontamentos quanto às dificuldades e possíveis alternativas foram muito interessantes, enquanto outras, não tão interessantes, outras mesmas nem foram percebidas. Vale ressaltar que nenhum pesquisador, por mais capaz que seja, deve imaginar numa primeira pesquisa, um resultado concreto, transformando-o num discurso definitivo. Na pesquisa desenvolvida procurou-se reconstituir através do processo de rememoração, a memória da época desses velhos, enfatizando a importância da História Oral nas pesquisas científicas. Este artigo aponta aspectos importantes sobre ela, pois possibilitou a escuta e apontamentos das narrativas. Com certeza é um campo amplo, podendo ser objeto de estudos futuros, sobre variados aspectos, considerando que a população idosa tende a aumentar segundo dados do IBGE e que o velho terá mudanças significativas em sua vida, superando o medo e a resistência.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. História dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

ALBERTI, Verena. História oral: A experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

AMADO, Janaina. O grande mentiroso: tradição e veracidade e imaginação em História Oral. (Não publicado).

BRASIL. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

GARNICA, A. V. M. O escrito e o oral: uma discussão inicial sobre os métodos da história. *Ciência & Educação*, Bauru, v. 5, n. 1, p. 27-35, 1998.

HISTÓRIA ORAL – Revista da Associação Brasileira de História Oral. Todos os números disponíveis em <http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho>.

HUSSERL, E. A crise da humanidade europeia e a Filosofia. Porto Alegre; EDIPUCRS, 2008.

IBGE. Projeção da população: Brasil. Disponível em:
<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao_da_populacao/2008/piramide/piramide.shtm>. Acesso em 10/05/2012.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. 7. ed. Campinas/SP: Editora daUnicamp, 2013.

OSÓRIO, Neila Barbosa. Universidade da Maturidade reflete a educação gerontológica na Universidade Federal do Tocantins. Congresso Intergeracional do Envelhecimento Humano UFT,2017.

OSÓRIO, N.B; Silva Neto LS. Educação na velhice? Uma história de 11 anos na Universidade Federal do Tocantins. Revista Desafios, v. 04, n. 03, 2017.

PORTELLI, A. HISTÓRIA ORAL COMO ARTE DA ESCUTA. Tradução Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016. (Coleção Ideias).

QUEIROZ, Maria Isaura P. de. Relatos orais: Do “indizível” ao “Dizível”.. In: Experimentos com histórias de vida: Itália-BRASIL. Enciclopédia Aberta de Ciências Sociais. São Paulo: Vértice, 1988, p. 14-43.

THOMPSON, Paul. A voz do passado. Trad. Lólio Lorenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1998